

# populismo

a revolta contra a democracia liberal

roger eatwell

& matthew goodwin

Tradução de José Remelhe

 **DESASSOSSEGO**  
LIVROS PARA PENSAR

## PREFÁCIO

Um pouco por todo o Ocidente, sobretudo na Europa e nos EUA, o nacional-populismo é agora uma importante força. Neste livro, defendemos que, para realmente compreendermos este movimento, é preciso distanciarmo-nos um pouco e analisar as entranhadas e duradouras tendências que há décadas, ou mais, estão a mudar as nossas sociedades.

Somos académicos que, há muitos anos, se dedicam a investigar este tema. Roger Eatwell é especialista em partidos políticos, tradições e ideias, incluindo o fascismo, o qual, pelos motivos que ilustraremos, se distingue do nacional-populismo. Matt Goodwin é um sociólogo político que se dedica aos motivos que levam cada vez mais pessoas por todo o Ocidente a abandonar as correntes predominantes e a aderir ao nacional-populismo. Esperamos proporcionar ao leitor uma perspetiva ímpar daquilo que se transformou, num curto espaço de tempo, num dos mais controversos e incompreendidos movimentos da atualidade.

Muitas foram as pessoas que conosco trabalharam ou trocaram ideias sobre estes temas. São demais para citar individualmente, mas gostaríamos de apresentar agradecimentos especiais a: Noah Atkinson, Jonathan Boyd, Bobby Duffy, Harold Clarke, Stefan Cornibert, David Cutts, James Dennison, James Eatwell, Judith Eatwell, Jane Farrant, Robert Ford, Craig Fowlie, David Goodhart, Oliver Heath, Simon Hix, Eric Kaufman, Marta Lorimer, Nonna Mayer, Fiona McAdoo, Caitlin Milazzo, Michael Minkenberg, Brian Neve, Mark Pickup, Jon Portes, Jacob Poushter, Jens Rydgren, Thomas Raines, Bruce Stokes e Paul Whiteley.

Por fim, mas não menos importante, gostaríamos de agradecer

ao nosso agente literário, Charlie Brotherstone, da Brotherstone Creative Management, pelos seus úteis comentários e incentivo, a Chloe Currens, nossa editora na Penguin Books, que nos honrou com uma série de comentários extremamente úteis sobre uma versão preliminar, e a Linden Lawson, a nossa proativa revisora.

Quaisquer erros ou falhas que persistam são da nossa exclusiva responsabilidade.

R. E. e M. G., maio de 2018

## INTRODUÇÃO

**E**ste livro versa sobre o nacional-populismo, um movimento que, nos primórdios do século XXI, tem vindo a desafiar cada vez mais as políticas predominantes do Ocidente. A sua ascensão tem-se sentido sobretudo em muitos países europeus e nos EUA, mas outras manifestações dignas de nota incluem a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais do Brasil em 2018. Os nacionais-populistas põem em primeiro lugar a cultura e os interesses da nação e prometem fazer ouvir a voz de um povo que se sente negligenciado, até mesmo desprezado, por elites distantes e, amiúde, corruptas.

Trata-se de uma ideologia enraizada em profundas e antigas correntes que se têm agitado à sombra das nossas democracias e ganhado ímpeto ao longo de muitas décadas. Nesta obra, exploramos estas correntes, apresentando um panorama das mudanças que se operam na política na Europa e nos EUA. Em termos latos, acreditamos que o nacional-populismo — incluindo o seu amplo impacto noutros partidos e sistemas políticos — veio para ficar.

Decidimos escrever este livro em 2016, no meio de dois momentos que chocaram o Ocidente: quando o bilionário e famoso homem de negócios Donald Trump foi oficialmente nomeado como candidato à presidência pelo Partido Republicano e depois derrotou Hillary Clinton na corrida à Casa Branca; e quando mais de metade dos eleitores da Grã-Bretanha espantaram o mundo ao votar pelo Brexit, decidindo-se pela retirada do seu país da União Europeia (UE), uma organização à qual aderira na década de 1970. Poucos estudiosos anteciparam tais resultados. Apenas duas semanas antes das eleições presidenciais de 2016, a previsão do *New York Times* afirmava com confiança aos leitores que Hillary Clinton tinha 93 por cento de probabilidades de vencer as presidenciais. Outros apontavam para os 99 por cento e questionavam-se se ela conseguiria até uma vitória no Texas rumo à Casa Branca.

Na Grã-Bretanha, mais de 300 estudiosos, jornalistas e analistas foram incumbidos da tarefa de prever o que aconteceria no referendo de 2016 e 90 por cento acharam que os eleitores britânicos escolheriam permanecer na UE.

Na Grã-Bretanha é legal fazer apostas em política, por isso, quem apostasse no Brexit no dia do referendo, teria um lucro de £300 pela manhã e de £900 ao final da tarde. O seguidismo estava convicto da vitória da permanência, ainda que muitas das sondagens *online* sugerissem o contrário.

Certa vez, o engenheiro americano William Deming disse: «Confiamos em Deus; os outros que tragam dados.» Porém, apesar de vivermos numa era em que dispomos de mais dados do que em qualquer outro momento da história, poucos foram os que conseguiram antever com sucesso a orientação do povo. Acreditamos que tal se deve ao facto de demasiadas pessoas se concentrarem demais no breve trecho e não conseguirem ter em consideração as mudanças históricas ocorridas na política, cultura e economia que estão agora a ter profundos efeitos nos resultados das nossas eleições.

Os nacionais-populistas emergiram muito antes da crise financeira de 2008 e da Grande Recessão que se seguiu. Os apoiantes são mais variegados do que os estereotipados «velhos homens brancos enraivecidos» que, dizem-nos amiúde, não tarda serão substituídos por uma nova geração de tolerantes *millennials*. Na realidade, o Brexit e Trump seguiram-se a uma ascensão muito mais prévia dos nacionais-populistas na Europa, como é o caso de Marine Le Pen em França, de Matteo Salvini em Itália e de Viktor Orbán na Hungria.

Fazem parte de uma crescente revolta contra as políticas predominantes e os valores liberais.

Na generalidade, este repto às correntes liberais predominantes não é antidemocrático. Pelo contrário, os nacionais-populistas opõem-se a determinados *aspetos* da democracia liberal tal como ela se desenvolveu no Ocidente. Ao contrário de algumas reações históricas que receberam Trump e o Brexit de braços abertos, os apoiantes destes movimentos não são fascistas que querem derrubar os pilares das nossas instituições políticas. Uma pequena minoria quer, mas a maioria tem preocupações compreensíveis relacionadas com o facto de estas instituições não serem representativas da sociedade no seu todo e, de alguma forma, estarem cada vez mais afastadas do cidadão médio.

Pouco antes de Trump vencer a corrida à Casa Branca, mais de metade dos americanos brancos sem estudos superiores achavam que Washington não representava pessoas como eles, ainda que, imediatamente antes da vitória do Brexit, quase um em cada dois trabalhadores britânicos achasse que «pessoas como eles» já não tinham uma palavra a dizer no debate nacional.<sup>1</sup> Considerando os grandes escândalos relacionados com *lobbies*, «fundos de origens desconhecidas», abuso de despesas de representação de grupos parlamentares, discursos lucrativos para os principais bancos e políticas do tipo «portas giratórias» (*revolving-doors*), em que ex-políticos recorrem aos seus

contactos para financiamento de negócios privados, será de admirar que, hoje em dia, elevados números de cidadãos questionem abertamente a fidedignidade dos seus representantes?

Alguns líderes nacionais-populistas, como é o caso de Viktor Orbán na Hungria, defendem a criação de uma nova forma de «democracia iliberal», que levanta sérias preocupações associadas aos direitos democráticos e à demonização dos imigrantes. Porém, a maioria dos votantes nacionais-populistas querem *mais* democracia – *mais* referendos e *mais* políticos empáticos e sensíveis que deem *mais* poder ao povo e menos poder às elites económicas e políticas estabelecidas. Esta conceção «direta» da democracia distingue-se da «liberal» que prosperou no Ocidente após a derrota do fascismo, o qual, conforme referimos no Capítulo 3, aos poucos, se revestiu de um carácter mais elitista.

O nacional-populismo também levanta legítimas preocupações democráticas que milhões de pessoas querem levar a debate e resolver. Estas pessoas questionam o modo como as elites se isolaram cada vez mais das vidas e das preocupações do cidadão comum. Questionam a erosão do Estado-nação, que encaram como a única estrutura que deu provas de ser capaz de organizar as nossas vidas políticas e sociais. Questionam a capacidade das sociedades ocidentais para absorver com rapidez taxas de imigração e a «mudança hiperétnica» que não têm precedentes na história da civilização moderna (e que, nos EUA, inclui uma grande minoria de imigrantes ilegais). Questionam porque a atual fundação económica do Ocidente está a criar sociedades altamente desiguais e a relegar para segundo plano faixas da sociedade, e se o Estado deve dar prioridade no emprego e na assistência social a pessoas que passaram a vida a contribuir para o «bolo» nacional. Questionam as agendas cosmopolitas e globalizantes, pondo em causa aonde é que elas nos vão levar e que tipos de sociedades criarão. Inclusive, algumas questionam se todas as religiões apoiam aspetos essenciais da vida moderna no Ocidente, tais como a igualdade e o respeito pelas mulheres e as comunidades LGBT. Não há dúvida alguma de que alguns nacionais-populistas tendem para o racismo e a xenofobia, sobretudo em relação aos muçulmanos, e muitos têm valores conservadores em termos sociais. Porém, isso não nos deve distrair do facto de que também se preocupam com ansiedades públicas difundidas e legítimas no vasto espectro de diferentes áreas.

Este movimento deve ser analisado no seu todo por força do seu carácter internacional. Muitos dos nossos debates sobre política são muito insulares: concentram-nos nos nossos próprios países isoladamente. Muitas vezes, os americanos interpretam Trump pela perspectiva da política americana. Porém,

podem aprender bastante com a Europa, conforme já estão a fazer os seus nacionais-populistas. Foi por isso que, em 2018, o antigo estratega principal de Trump, Steve Bannon, fez um périplo pela Europa e se encontrou com vários nacionais-populistas de topo, incluindo Marine Le Pen em França, antes de fundar uma organização internacional para promoção do populismo, designada Movement, em países que há já algum tempo se debatem com os nacionais-populistas. Muito antes disso, o próprio Trump tinha fortes laços com o apoiante do Brexit, Nigel Farage, antigo líder do Partido para a Independência do Reino Unido (United Kingdom Independence Party — UKIP), que, por sua vez, tem ligações a populistas na Europa, como é o caso da Alternativa para a Alemanha, que irrompeu em 2017 e desfez o velho mito de que o populismo nunca conseguiria prosperar no país que dera ao mundo o nacional-socialismo.<sup>2</sup> Outras controversas figuras populistas visitam com frequência os EUA, tais como Geert Wilders dos Países Baixos que, infamemente, alega que a Europa está a ser «islamificada» e que granjeou o apoio de membros do Congresso republicanos como Steve King, enquanto membros da dinastia de Le Pen em França participaram na US Conservative Political Action Conference (Conferência da Ação Política Conservadora dos EUA). No Parlamento Europeu, nacionais-populistas de países como a Grã-Bretanha, França, Itália, Hungria e Polónia foram divididos por grupos parlamentares, mas nos últimos anos notou-se um considerável crescimento. Nas eleições para o Parlamento Europeu de 2019 verificou-se um aumento dos assentos parlamentares destes partidos, atingindo um valor recorde de 16 por cento, enquanto Salvini tem envidado esforços para reforçar a sua colaboração ao nível pan-europeu (ainda que alguns, como o Partido Lei e Justiça da Polónia, se mantenham noutros grupos). Se considerarmos apenas Trump ou o Brexit, não compreenderemos as tendências mais vastas.

### **Porque é necessário este livro?**

Trump, o Brexit e as rebeliões na Europa potenciaram uma explosão do interesse pelo populismo – aquilo que é, as pessoas que votam neste movimento e porque é importante. Nos próximos anos virão ao de cima inúmeros livros, artigos e, sem dúvida, filmes sobre estas batalhas políticas que estão a ser travadas em nome do povo — aquilo a que Trump chama «maioria silenciosa», Farage designa como «exército do povo» e Le Pen denomina «a França esquecida».

Todavia, prevemos problemas neste debate consoante ele se desenrola na atualidade. Amiúde, é distorcido por pressupostos imperfeitos, preconceitos

e uma enorme obsessão com o curto prazo — com o aqui e o agora. Muito daquilo que se escreve encerra alegações desinformadas sobre as raízes do nacional-populismo e respetivos apoiantes, tal como a noção de que esta turbulência não passa de um protesto passageiro em resposta à crise financeira que rebentou em 2008, à austeridade que se seguiu, ou à crise dos refugiados que assola a Europa desde 2014. Estas são ideias reconfortantes para as pessoas que se agarram à convicção de que a normalidade não tarda a ser reposta, assim que o crescimento económico volte e o fluxo de refugiados diminua ou pare de vez — só que essas noções estão erradas.

Muitos escritores que se dizem imparciais também têm dificuldade para evitar serem influenciados pela sua própria simpatia com as políticas liberais e de esquerda (nos EUA, a palavra «liberal» é muitas vezes utilizada como sinónimo de «esquerda», perdendo o seu sentido histórico de defesa da liberdade e direitos do indivíduo, que os americanos apelidam de «libertarianismo»). Não se quer com isto dizer que toda a gente que escreve sobre o populismo é preconceituosa. Houve lugar a importantes contributos. Estudiosos que poderão ser desconhecidos de alguns leitores, como é o caso de Piero Ignazi e Jens Rydgren, salientaram como estas revoltas na Europa demoraram muito tempo a chegar a este ponto. Pensadores como Margaret Canovan demonstraram como o populismo é uma forma alternativa de política democrática e estará presente enquanto houver democracia. Todavia, muitas pessoas apressam-se a condenar ao invés de refletir, cedendo a estereótipos que correspondem à sua própria visão em vez de contestar as alegações consultando as evidências reais.

Consideremos algumas das reações comuns à eleição de Trump. David Frum, antigo redator de discursos de George W. Bush, escreveu sobre a «trumpocracia», que ele encara como uma ameaça ditatorial à democracia liberal e à paz mundial, liderada por um presidente que acusou Hillary Clinton e o «pântano de Washington» de corrupção endémica antes de estabelecer a sua própria cleptocrática e nepotista Casa Branca.<sup>3</sup> Ou os psicólogos profissionais que assomaram para diagnosticar o comportamento de Trump — não obstante a American Psychiatric Association (Associação Americana de Psiquiatria) os ter proibido de diagnosticar políticos que nunca avaliaram presencialmente — como apresentando sintomas de problemas fundamentais como raiva, narcisismo maligno e impulsividade, que levantam importantes dúvidas sobre a sua capacidade para governar e proteger a paz mundial.<sup>4</sup> Há bons motivos para preocupações com Trump em termos de carácter, julgamento ético e temperamento, incluindo uma tendência para disparar palavras não baseadas em factos no Twitter. Contudo, o foco na sua personalidade não nos ajuda



a compreender as raízes populares da revolta que alimentou a sua ascensão, bem como a de outros como ele na Europa e noutros locais.

Ainda que a maioria dos nacionais-populistas na Europa não estejam no poder, são sujeitos ao mesmo tratamento. São desconsiderados como extremistas cujas políticas ditatoriais e racistas representam uma séria ameaça à democracia liberal e às minorias. O que é ainda mais grave, muitos apelidam-nos de «fascistas» — pressagiadores de um perigoso despertar da ditadura. Pouco depois das eleições presidenciais francesas de 2017, a revista americana *Vanity Fair* fez a pergunta: «Conseguirá Marine Le Pen tornar o fascismo a tendência predominante?», enquanto o proeminente intelectual francês, Bernard-Henri Lévy, reagiu afirmando que «hoje, a França não está preparada para um regime fascista», dando a entender que poderia estar para breve.<sup>5</sup>

Nos debates populares, a palavra «fascista» transformou-se em pouco mais do que um insulto. Contudo, as preocupações relacionadas com Trump significaram que a bomba «F» se estendeu até a historiadores que são especialistas nos turbulentos anos entre guerras. O historiador de Yale, Tim Snyder, alertou para a investida da tirania, comparando a campanha coreografada, machista e narcisista de 2016 de Trump a manifestações nazis, acrescentando que a sua falsa «pós-verdade é pré-fascismo». A historiadora da Universidade de Nova Iorque Ruth Ben-Ghiat alegou que os ataques de Trump a aspetos fundamentais da democracia liberal, tais como a liberdade do sistema judicial e da imprensa, significam que os americanos «não podem excluir uma intenção de realizar um tipo de golpe» e que a sua agressiva «*blitzkrieg* nos obriga a tomar partido». Outros salientam o risco da insinuação do despotismo através de políticas como nomeações de conservadores para os tribunais, o que é mais plausível, embora seja uma perspetiva baseada em grande medida em especulação polémica e não numa análise cuidadosa do panorama geral (incluindo um exponencial aumento de democratas nas eleições de 2018 para a Câmara dos Representantes, terminando com o controlo republicano no Congresso).<sup>6</sup> Demasiadas vezes, o foco centra-se naquilo que poderia acontecer e não no que está realmente a acontecer.

Entretanto, aqueles que votam nos nacionais-populistas são ridicularizados e desconsiderados como «saloios», «parolos», «delinquentes juvenis» ou «antiexpansionistas». Hillary Clinton descreveu metade dos apoiantes de Trump como uma «cesta de miseráveis», pessoas com ideais «racistas, sexistas, homofóbicos, xenófobos, islamofóbicos, é só escolher». Na Grã-Bretanha, o primeiro-ministro David Cameron ridicularizou aqueles que defenderam o Brexit como um bando de «lunáticos, dementes e racistas de trazer por casa», enquanto colunistas de importantes jornais incitaram os políticos de

Westminster a virar as costas às zonas de Inglaterra que atravessam dificuldades e que estavam prestes a votar pelo Brexit. Hoje, vivemos numa era em que mais pessoas do que nunca fazem campanhas com o fito de garantir que os direitos, a dignidade e o respeito são transversais a toda a sociedade, mas é difícil imaginar qualquer outro grupo a ser tratado com tanto desdém.

A nossa obsessão coletiva pelo curto prazo está a tolher-nos o raciocínio. Porque foi Trump eleito? Porque foi que as pessoas votaram pelo Brexit? Porque é que milhões de pessoas da Europa estão a ceder o seu voto aos nacionais-populistas? As respostas a estas perguntas não costumam levar em conta as correntes mais profundas que têm revolteado submersas nas nossas democracias.

A vitória de Trump foi amplamente atribuída a inúmeros fatores no «aqui e agora»: à influência de Steve Bannon durante as fases finais da corrida às presidenciais de 2016, que defendeu uma tendência mais populista e patriarcal; as alegações de que a vitória de Trump se deveu a um conluio com a Rússia (acusações que foram declaradas infundamentadas pelo Relatório Mueller de 2019, apesar de este ter revelado uma tentativa de obstrução presidencial à investigação); e à manipulação apoiada pela Rússia de redes sociais como o Facebook e o Twitter. Independentemente da verdade destas alegações, a obsessão com o curto prazo não lança qualquer luz sobre o motivo por que tantos americanos se sentiram tão arredados das correntes predominantes, ou porque, conforme ilustraram estudos, os americanos caucasianos com formação superior estavam a desertar para os republicanos muito antes de Trump sequer anunciar a sua candidatura.

Do mesmo modo, desde a vitória do Brexit, os apoiantes da permanência que queriam que a Grã-Bretanha permanecesse na UE sugeriram que os trabalhadores brancos mais velhos que residem fora da cosmopolita Londres eram demasiado estúpidos para reconhecer as maravilhas da integração europeia e da imigração. Alguns alegam que o Brexit só ganhou porque a Rússia utilizou *bots online* para manipular as redes sociais, ou que durante a campanha os apoiantes do Brexit «mentiram» ao afirmar que o Brexit permitiria que 350 milhões de libras esterlinas por semana de pagamentos da UE seriam aplicados no Sistema Nacional de Saúde da Grã-Bretanha, que atravessa graves dificuldades. Mais uma vez, independentemente da validade destas alegações, focarmo-nos no curto prazo impede-nos de conseguirmos um afastamento suficiente para avaliar as tendências mais amplas que tornaram possível este radical momento político.

O Brexit e Trump não tardaram a ser utilizados lado a lado em debates internacionais sobre um «recuo da classe operária branca». Porém, uma

observação mais atenta das evidências — conforme veremos no próximo capítulo — revela como estas conclusões simplistas são erradas. Escritores de todo o Ocidente estão agora a fazer violentas alegações sobre as pessoas que votam nos nacionais-populistas, mas quase nenhum avalia o maciço volume de evidências que se alicerçou nas ciências sociais ao longo dos últimos quarenta anos. Breves visitas jornalísticas ao Cinturão da Ferrugem (Rust Belt) ou a algumas das vilas costeiras degradadas de Inglaterra resultam na representação de extremistas rudes e velhos homens brancos. Porém, muitos dos que votaram em Trump eram relativamente abastados, enquanto na Europa muitos daqueles que alinharam nas fileiras dos nacionais-populistas não são racistas ignorantes nem especialmente velhos. Alguns são mesmo pró-LGBT, mas, ao mesmo tempo, suspeitam que o Islão não se conseguirá adaptar à democracia liberal.

Também é contraproducente procurar «um tipo» de apoiante e «um motivo». Trump e o Brexit seduziram um amplo e aleatório misto de conservadores de classe média e operários que, juntos, rejeitaram o conselho de elites globais representadas por David Cameron, com formação em escolas privadas e em Oxford, e por Barack Obama, que frequentara duas universidades da Ivy League e falava com a pronúncia límpida e a fluência de um professor de direito da costa leste.

Trump não apelou apenas a operários com preocupações relacionadas com a imigração, mas também a republicanos convencionais bastante abastados, bem como a cerca de um em cada três homens latinos, tendo granjeado um notável apoio de minorias específicas, tais como americanos de origem cubana. O Brexit, além de sair vencedor em 140 distritos onde prevalece a classe operária e que historicamente votou no Partido Trabalhista de esquerda, também foi apoiado por um em cada três eleitores negros e de minorias étnicas da Grã-Bretanha, sendo que cerca de metade desses apoiantes tinham entre 35 e 44 anos.

O desejo de afastar a Grã-Bretanha da UE foi a opinião de uma maioria não apenas entre os condados maioritariamente brancos e conservadores prósperos, como Hampshire, mas também entre áreas com etnias diversas, tais como Birmingham, Luton e Slough. Nestas comunidades, as minorias aí fixadas encararam os trabalhadores imigrantes de outros Estados-membros da UE não apenas como uma ameaça à sua própria posição, mas também como favorecidos com um tratamento especial em detrimento dos próprios familiares e amigos que desejavam vir para a Europa. Estas *nuanças* escapam às parangonas que gritavam «Contragolpe de uma classe operária branca enraivecida».

Haverá sempre perguntas sem resposta em relação ao que poderia ter sido. Se Hillary Clinton fizesse uma campanha menos presunçosa, se tivesse exortado mais *millennials* com formação superior e afro-americanos a votar, se tivesse dedicado mais esforço nos 209 condados que votaram duas vezes em Obama antes de mudarem para Trump, se tivesse lançado um diálogo mais pleno de significado com os caucasianos sem formação superior nos fundamentais estados do Cinturão da Ferrugem, que ultrapassam de longe os eleitores com formação superior, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

Na Grã-Bretanha, se Boris Johnson, o carismático político conservador e admirador de Winston Churchill, não tomasse a tardia decisão de fazer campanha pelo Brexit, e o Brexit não tivesse recebido um surpreendente impulso de cerca de dois milhões de «não votantes» que costumavam renegar a política, e se os estrategas da permanência pró-UE não tivessem tomado a decisão consciente de ignorar de todo o problema da imigração, que foi a principal preocupação dos que votaram pela saída, talvez a Grã-Bretanha tivesse permanecido na UE.

Ou consideremos as eleições europeias de 2019, que revelam diferenças específicas entre países. Os nacionais-populistas obtiveram os melhores resultados na Grã-Bretanha — sob a forma do novo Partido do Brexit de Farage —, na Hungria, Polónia e Itália, onde os votos na Liga, que atingiram os 34 por cento, duplicaram em relação aos valores nas eleições gerais de 2018. Tratou-se de um resultado extraordinário para um país que começou como a «Liga Norte», que apoiava o separatismo de uma «Roma que rouba» e que conseguira apenas seis por cento dos votos em 2014. Porém, o Partido Popular Dinamarquês caiu do primeiro para o terceiro lugar, e embora a Alternativa para a Alemanha tenha subido em comparação com 2014, sofreu um revés em relação ao seu desempenho nas eleições gerais de 2017.

Na política existirão sempre incógnitas e verifica-se inequivocamente uma necessidade de estudar os fatores contextuais, como os líderes, as campanhas e a cobertura da imprensa (incluindo o modo como os opositores respondem aos nacionais-populistas), mas uma ênfase indevida a estas causas pode ser contraproducente, pois impede-nos de formar uma compreensão mais profunda e mais aprimorada dos motivos exatos por que o nosso mundo político está perante tanta agitação. Mesmo que as coisas tivessem sido diferentes, o apoio ao Brexit e a Trump continuaria a ser forte. Marine Le Pen passou a segundo plano quando não conseguiu ganhar as presidenciais em França, mas urge tentar compreender porque ela apelou a um em cada três eleitores franceses, incluindo imensos com menos de 40 anos.

Para percebermos de facto aquilo que está a acontecer, devemos remontar às origens destas revoltas populistas. Neste livro, ao invés de examinarmos

os movimentos e os líderes individualmente, focaremos o panorama mais vasto e apresentaremos dois argumentos genéricos.

## Os «quatro D»

Não é possível perceber estas revoltas se não compreendermos como as tendências a mais longo prazo têm vindo, há décadas, a modificar a moldura da política ocidental. O nacional-populismo gira em torno de um conjunto de quatro alterações sociais profundamente enraizadas que são motivo de crescentes preocupações entre milhões de pessoas no mundo ocidental. Designamos estas quatro mudanças históricas como os «quatro D». Estas mudanças baseiam-se amiúde em ressentimentos legítimos e é pouco provável que diminuam num futuro próximo.

A primeira é o modo como a natureza elitista da democracia liberal promoveu a *desconfiança* nos políticos e instituições e espoletou entre um elevado número de cidadãos um sentimento de que deixaram de ter uma palavra a dizer no debate nacional. A democracia liberal sempre procurou minimizar a participação das massas. Porém, nos últimos anos, o crescente distanciamento dos políticos em relação ao cidadão comum conduziu a um aumento da desconfiança, não apenas em relação aos partidos predominantes, mas também em relação a instituições como o Congresso dos EUA e a União Europeia, uma tendência inequivocamente retratada por estudos e outros dados. Nunca houve uma era dourada quando os sistemas políticos representavam todas as faixas da sociedade e, nos últimos anos, foram dados passos importantes para garantir que grupos historicamente marginalizados, como as mulheres e minorias étnicas, tenham uma voz mais ativa nas legislaturas. Todavia, ao mesmo tempo, muitos sistemas políticos diminuíram a representatividade de grupos-chave, levando muitos a concluir que não têm voz, e conduzindo à viragem para o nacional-populismo.

A segunda é o modo como a imigração e a mudança hiperétnica estão a contribuir para grandes receios relacionados com a possível *destruição* de comunidades e da identidade histórica do grupo nacional e os modos de vida estabelecidos. Estes receios estão envoltos numa convicção de que os políticos culturalmente liberais, as organizações internacionais e o mundo financeiro global estão a corroer o país ao incentivarem mais a imigração de massas, enquanto as agendas «politicamente corretas» procuram silenciar qualquer oposição. Estas preocupações não se fundamentam sempre na realidade objetiva — pois são refletidas pelo facto de se manifestarem não apenas em

democracias que experienciaram rápidas e profundas mudanças étnicas, como é o caso da Grã-Bretanha, mas também nas que apresentam níveis de imigração muito mais baixos, como a Hungria e a Polónia. Não obstante, são influentes e tornar-se-ão ainda mais consoante a mudança étnica e cultural continuar a assolar o Ocidente nos anos vindouros.

A terceira é o modo como as economias neoliberais globalizadas incutiram sólidos sentimentos daquilo que os psicólogos denominam de *despojamento* relativo em resultado das crescentes desigualdades de rendimentos e riqueza no Ocidente e uma perda de esperança num futuro melhor. Embora muitas pessoas que apoiam o nacional-populismo tenham emprego e vivam com rendimentos médios ou acima da média (ainda que muitos desses empregos sejam inseguros), a transformação económica do Ocidente instigou um forte sentimento de *despojamento* «relativo» — uma convicção no seio de certos grupos de que estão a perder relativamente a outros. Isto significa que temem bastante o futuro e o que os espera e aos seus filhos. Este profundo sentimento de perda está intimamente ligado ao modo como as pessoas encaram a imigração, a identidade e a confiança nos políticos.

Hoje em dia existem milhões de eleitores que estão convencidos de que o passado foi melhor do que o presente, e de que o presente, ainda que sombrio, continua a ser melhor que o futuro. Estas pessoas não pertencem à classe desprivilegiada de caucasianos desempregados ou que vivem de subsídios. Se o nacional-populismo dependesse do apoio dos desempregados, seria mais fácil combatê-lo — bastaria criar empregos, sobretudo empregos com segurança a longo prazo e salários decentes. Porém, a maioria das pessoas desta categoria encontra-se no degrau de baixo da escada; partilham contudo a forte convicção de que o estado atual das coisas já não lhes serve e que os outros foram privilegiados.

Os líderes nacionais-populistas aproveitam-se desta profunda insatisfação, mas o seu percurso até às correntes de topo também foi aberto por uma quarta tendência: os laços cada vez mais fracos entre os partidos dominantes tradicionais e o povo, ou aquilo que designamos de *desalinhamento*. A era clássica da democracia liberal caracterizou-se por políticas relativamente estáveis, sólidos partidos de correntes predominantes e eleitores fiéis; agora, assistimos ao fim desse paradigma. Muitas pessoas já não estão fortemente alinhadas com as correntes predominantes. Os laços estão a romper-se. Este desalinhamento está a tornar os sistemas políticos ocidentais muito mais voláteis, fragmentados e imprevisíveis do que em qualquer outro momento da história da democracia de massas. Hoje em dia, a política parece mais caótica e menos previsível do que no passado porque, efetivamente, assim é. Também

esta tendência já se adivinha há muito tempo e ainda tem um longo caminho pela frente.

Em conjunto, os «quatro D» abriram uma brecha considerável para os nacionais-populistas, ou aquilo a que chamamos «base de potencial» — elevados números de pessoas que sentem que deixaram de ter uma palavra a dizer na vida política, que o aumento da imigração e a rápida mudança étnica ameaça o seu grupo nacional, cultura e estilos de vida, que o sistema económico neoliberal está a deixá-los para trás em detrimento de outros membros da sociedade, e já não se identificam com os políticos instalados.

Estas tendências têm de ser analisadas em conjunto, não apresentadas como abordagens concorrentes. Dizemos isto porque, infelizmente, em todo o Ocidente desenrola-se um debate improfícuo sobre o populismo que lança fatores uns contra os outros como se estes se excluíssem mutuamente. É uma questão económica ou cultural? Está relacionada com o emprego ou com a imigração? Deve-se à austeridade ou ao nacionalismo?

A realidade, claro está, é que não existe um único fator que possa explicar a ascensão daquilo que são movimentos extremamente complexos em países com tradições muito diferentes, tais como o passado autoritário comunista na Hungria e a prolongada governação militarista e com uma corrupção endémica no Brasil. Não obstante, algumas pessoas, como é o caso do jornalista John Judis, defendem que toda esta mudança resulta de fatores «económicos e não culturais», enquanto outras, como é o caso dos académicos Ronald Inglehart e Pippa Norris, refutam que o problema é «cultural e não económico».<sup>7</sup> A primeira abordagem argumenta que as preocupações das pessoas relacionadas com problemas como a imigração são, na verdade, um mero subproduto das suas dificuldades económicas. A segunda defende que as preocupações das pessoas relacionadas com identidade atuam de forma independente do respetivo ambiente económico, conforme se pode constatar a partir do facto de muitas pessoas que se preocupam com a imigração não serem pobres, e muitas das que votaram nos nacionais-populistas terem emprego e serem, muitas vezes, especializadas.

Porém, este debate binário é de todo improfícuo: a vida real nunca se processa desta maneira. Esta é uma visão muito simplista e ignora o modo como as preocupações relacionadas com a cultura e a economia podem interagir, o que de facto acontece muitas vezes. A abordagem a trecho mais longo que adotamos é também muito diferente dos argumentos populares que traçam uma linha reta entre a agitação política e a crise financeira, a Grande Recessão e a crise da dívida soberana na Europa. Muitos são os simpatizantes da esquerda liberal que apreciam esse argumento, pois coloca a economia no centro das



hostilidades, apresentando Trump como um subproduto de uma desigualdade potenciada pela crise, ou os populistas na Europa como uma reação à severa austeridade que foi imposta às democracias após pressões de instituições internacionais não eleitas, como é o caso do Banco Central Europeu e do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Contudo, alguns países muito afetados pela recessão e pelas resultantes diretivas de austeridade da UE, designadamente a Irlanda e Portugal, não geraram significativos movimentos populistas de género algum. Em Portugal, por exemplo, o Partido Nacional Renovador obteve apenas 0,5 por cento dos votos em 2015 quando os socialistas, liderados por António Costa, seguiram a tendência europeia e regressaram em grande. Isto sublinha que os fatores económicos têm de ser analisados em conjunto com outros fatores, tais como a liderança e os programas preponderantes e subversivos e a relevância de problemas relacionados com a identidade e a segurança associados à imigração.

Conforme veremos, não há dúvida de que os abalos provocados pela crise e as ulteriores réplicas exacerbaram as profundas divisões culturais e económicas do Ocidente que sustentam o nacional-populismo. Todavia, estas divisões começaram muito antes do colapso da Lehman Brothers. Os analistas financeiros deveriam observar o ciclo de vida do nacional-populismo, que é o que faremos no capítulo seguinte. Tal como os austríacos, britânicos, búlgaros, dinamarqueses, holandeses, franceses, húngaros, italianos, noruegueses, polacos e suíços afiançarão, o nacional-populismo já era uma importante força muito antes da Grande Recessão. E mesmo que esta não tivesse acontecido, continuaríamos a ter nacionais-populistas com quem alterar.

## **O advento de uma grave revolta**

O nosso segundo argumento genérico é que o nacional-populismo tem um sério potencial a longo prazo.

Uma importante e interessante questão é se os choques políticos, como é o caso do Brexit e de Trump, são sinal de que o Ocidente está à beira do fim de um período de volatilidade política, ou antes mais perto do princípio de um novo período de grandes mudanças. A primeira hipótese baseia-se na premissa de que, consoante os países saem de crises financeiras e retomam o crescimento, as pessoas regressarão em debandada para os partidos políticos. A ideia é moldada também pela noção de mudança geracional.

Um argumento muito popular é que o nacional-populismo representa um «último grito de fúria» de velhos homens brancos que, não tarda, serão



substituídos por tolerantes *millennials*, que nasceram entre as décadas de 1980 e 2000, e que, assim nos dizem, aceitam com muito mais facilidade a imigração, os refugiados, a mudança étnica e a abertura das fronteiras.

Os liberais progressistas gostam deste argumento porque vai ao encontro da sua própria identificação não como nacionalistas, mas como internacionalistas ou «cidadãos do mundo», e da sua firme convicção de que o Ocidente se encontra num tapete rolante que conduz a um futuro muito mais liberal. Apontam para o facto de que apenas um em cada quatro *millennials* concorda com o primeiro ano de Trump no poder, em comparação com um em cada dois indivíduos da geração silenciosa, muito mais velhos, cujos elementos nasceram entre as décadas de 1920 e 1940. Apontam para uma esmagadora vitória do jovem centrista liberal Emmanuel Macron em França, em 2017. E apontam para o facto de o Brexit ter sido aceite por dois em cada três pensionistas, mas apenas um em cada quatro com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos.

Estes resultados também refletem as diferentes prioridades de diferentes gerações. Enquanto em muitas economias estabelecidas os *millennials* são a primeira geração moderna a passar maiores dificuldades financeiras do que os seus pais, mesmo depois de se levar em conta a sua maior diversidade étnica, continuam a ser muito mais liberais do que as gerações mais velhas. Nas principais democracias, como é o caso dos EUA, da Grã-Bretanha e da Alemanha, os *millennials* aceitam muito melhor a homossexualidade e o casamento entre indivíduos do mesmo sexo, sentem menos preocupação e são mais positivos em relação à imigração, apoiam mais do que as gerações mais velhas as relações e os casamentos entre membros de grupos raciais diferentes e opõem-se mais à pena de morte, o que é a pedra basilar da definição de ter valores liberais.<sup>8</sup>

Com a chegada do presidente Trump, estas diferenças geracionais ficaram ainda mais vincadas. Os *millennials* dos EUA têm ainda mais probabilidades do que as gerações mais velhas de se oporem à construção de um muro na fronteira com o México, uma das principais bandeiras da sua campanha de 2016 (incluindo a promessa de que os EUA não o pagariam), de rejeitarem a ideia de que o Islão promove a violência mais do que outras religiões e de aceitarem a imigração de braços abertos, concordarem com a noção de que a «abertura da América a pessoas de todo o mundo é essencial para quem somos enquanto nação». Em cada um destes pontos existem substanciais diferenças entre os jovens e os velhos, à semelhança do que acontece noutras democracias ocidentais.<sup>9</sup> Os nacionais-populistas ganharam batalhas sob a forma do Brexit e de Trump, ou pelo menos é o que consta, mas, a longo prazo, perderão a guerra.

Sem dúvida, estamos perante um argumento tentador, sobretudo para quem já tem uma perspetiva liberal. Contudo, existe uma corrente de pensamento diferente que, designadamente, alega que ao invés de estarmos a chegar ao fim, estamos mais perto do início de uma nova era de fragmentação, volatilidade e perturbação política. Desta perspetiva, o nacional-populismo está apenas a dar os primeiros passos, consoante os laços entre as pessoas e os partidos tradicionais se desfazem e uma mudança étnica e um aumento das desigualdades sem precedentes continuam a ganhar ímpeto. Aqueles que acreditam nesta visão salientam uma extensa lista de grandes mudanças no Ocidente, que têm o potencial de transformar radicalmente o estado atual das coisas: aumento da preocupação do público em relação à imigração e à rápida mudança étnica, sendo que nem uma nem outra diminuirão nos próximos anos devido à constante migração e às taxas de natalidade comparativamente baixas no Ocidente; divisões fundamentais na Europa e no Ocidente em relação à crise de refugiados e como a enfrentar; a emergência do terrorismo islâmico e do notório facto de os serviços de informações estarem a monitorizar dezenas de milhares de muçulmanos suspeitos de radicalização no Ocidente; o colapso do apoio a muitos partidos sociais-democratas de centro-esquerda; a desigualdade teimosamente persistente e em crescimento; os contínuos e amplamente imprevisíveis efeitos da automação; um novo conflito de culturas centrado em conjuntos de valores em disputa entre diferentes grupos de eleitores; o modo como os nacionais-populistas estão a atrair de novo alguns «não votantes» para a política; e o facto de muitos *millennials* e outros eleitores jovens da atualidade terem muito menos probabilidades do que as gerações mais velhas de sentir uma forte fidelidade tribal em relação aos partidos das correntes predominantes. Os defensores desta noção salientam também o facto de, apesar de existirem grandes divisões geracionais e de valores no Ocidente, estas serem em parte moldadas pela experiência da formação universitária, que continua a não estar ao alcance de todos.

Enquanto muitos europeus encararam a eleição de Emmanuel Macron em 2017 como um marco que assinalou o princípio do fim do populismo, no período de meses, os nacionais-populistas conseguiram o seu maior feito na Alemanha, regressaram ao Governo na Áustria, foram reeleitos na Hungria e, em 2018, formaram um governo de coligação na Itália, onde assumiram o controlo do Ministério do Interior. No final desse ano, em Espanha, que se pensava ser imune à extrema-direita devido às amargas recordações da sangrenta Guerra Civil (1936-1939) e à resultante ditadura do general Franco (1939-1975), o partido nacional-populista Vox (fundado em 2013) teve excelentes resultados nas eleições na Andaluzia, conseguindo representação

nas eleições nacionais e europeias de 2019. Neste ano, o relativamente recente Fórum para a Democracia dos Países Baixos conseguiu o maior número de votos nas eleições provinciais, eclipsando o mais provocador Partido da Liberdade de Geert Wilders, que ficara em segundo lugar nas eleições para o parlamento de 2017.

E quando olhamos para a idade dos partidários do nacional-populismo, conforme faremos no capítulo seguinte, torna-se evidente que o argumento sobre a mudança de gerações não é tão convincente como parece à primeira vista. Em termos muito latos, os jovens são mais tolerantes do que os respectivos pais e avós, porém, os nacionais-populistas estão a formar alianças com significativos números de jovens que, à sua maneira, se sentem atualmente renegados.

Nas palavras de Laozi, o antigo filósofo chinês, aqueles que têm conhecimento não profetizam, e aqueles que profetizam não têm conhecimento. Sobretudo na política, muitos pensarão que tentar profetizar o que acontecerá nos anos seguintes é pura perda de tempo. É por isso que devemos duvidar da afirmação — que está na moda — de que o «populismo atingiu o seu pico», que estas revoltas estão para acabar e não apenas a dar os primeiros passos. Nós não somos da mesma opinião: as evidências de que dispomos apontam para uma direção diferente. O nacional-populismo não é um protesto efêmero. Depois de ler este livro poderá perceber que é difícil evitar a conclusão de que esta tendência parece estar preparada para se manter na linha da frente nos anos que se avizinham. Uma observação com afastamento e mais global permite-nos perceber que, ao contrário das asserções populares, os movimentos nacionais-populistas granjearam um apoio bastante leal das pessoas que partilham preocupações coerentes, vincadas e, muitas vezes, legítimas, relacionadas com as mudanças que se verificam nos seus países e, em termos mais genéricos, no Ocidente.

## **Rumo ao pós-populismo**

A ascensão do nacional-populismo faz parte de um desafio mais geral ao liberalismo. Os críticos argumentam que os liberais privilegiaram os indivíduos em detrimento da comunidade, que se focaram demasiado em debates estéreis, transacionais e tecnocráticos, e que perderam a noção das alianças nacionais, ficando obcecados com os transnacionais. Por esses motivos, a menos que dê mostras de se conseguir revitalizar, a corrente liberal preponderante terá cada vez mais dificuldade para conter estes movimentos. Porém,

sugerimos que outro debate ganhará cada vez mais importância, centrado naquilo que designamos por «pós-populismo» — nomeadamente o despontar de uma era na qual as pessoas poderão avaliar se votar ou não votar nos populistas teve um impacto palpável nas suas vidas e se vale a pena preocuparem-se.

O que acontecerá se Trump não restaurar um grande número de empregos bem pagos, seguros e significativos e uma maior proteção das fronteiras de maneira a satisfazer o seu núcleo de simpatizantes? E se as medidas protecionistas derem origem a uma guerra comercial a nível internacional? Os problemas inerentes à negociação do Brexit deixaram já os líderes nacionais-populistas de outros países cautelosos em relação a uma rutura total com a UE, tendo Marine Le Pen e os Democratas suecos abandonado as suas pretensões prévias de uma saída absoluta. Em 2019, o líder do partido de extrema-direita FPÖ, Heinz-Christian Strache, foi obrigado a demitir-se do cargo como vice-chanceler depois de ter sido gravado a prometer a adjudicação de contratos públicos em troca do apoio financeiro de um milionário russo, provocando a queda do nacional-populismo de centro-direita e o número de votos no seu partido.

Por outro lado, o que acontecerá se estes partidos *efetivamente* conseguirem uma mudança significativa, se *efetivamente* rumarem ao «sucesso», como por exemplo criarem emprego de qualidade, novas infraestruturas, fronteiras mais sólidas, ou reduzirem significativamente a imigração não especializada dos Estados muçulmanos? Por exemplo, os planos do Governo austríaco em 2018 para restringir a previdência social e os subsídios de família para indivíduos que não falam a língua podem atrair mais potenciais eleitores que desejam uma ação radical noutras áreas, como por exemplo recuperar outras agendas vocacionadas para as elites, como é o caso do aumento das desigualdades. Apesar de os nacionais-populistas terem muitas vezes perspectivas diferentes em temas como a economia, na Europa são cada vez mais aqueles que defendem aspetos que, tradicionalmente, são de esquerda, incluindo a expansão do Estado e o aumento do Estado-providência para aqueles que nasceram no país à medida que se excluem os imigrantes. Este aspeto dificulta cada vez mais a vida dos sociais-democratas de centro-esquerda no que diz respeito a recuperarem os seus eleitores, especialmente em alguns países onde enfrentam um grande desafio por parte dos partidos, em que as suas visões pró-euro provocam um grande apelo por parte dos eleitores mais jovens e com mais estudos.

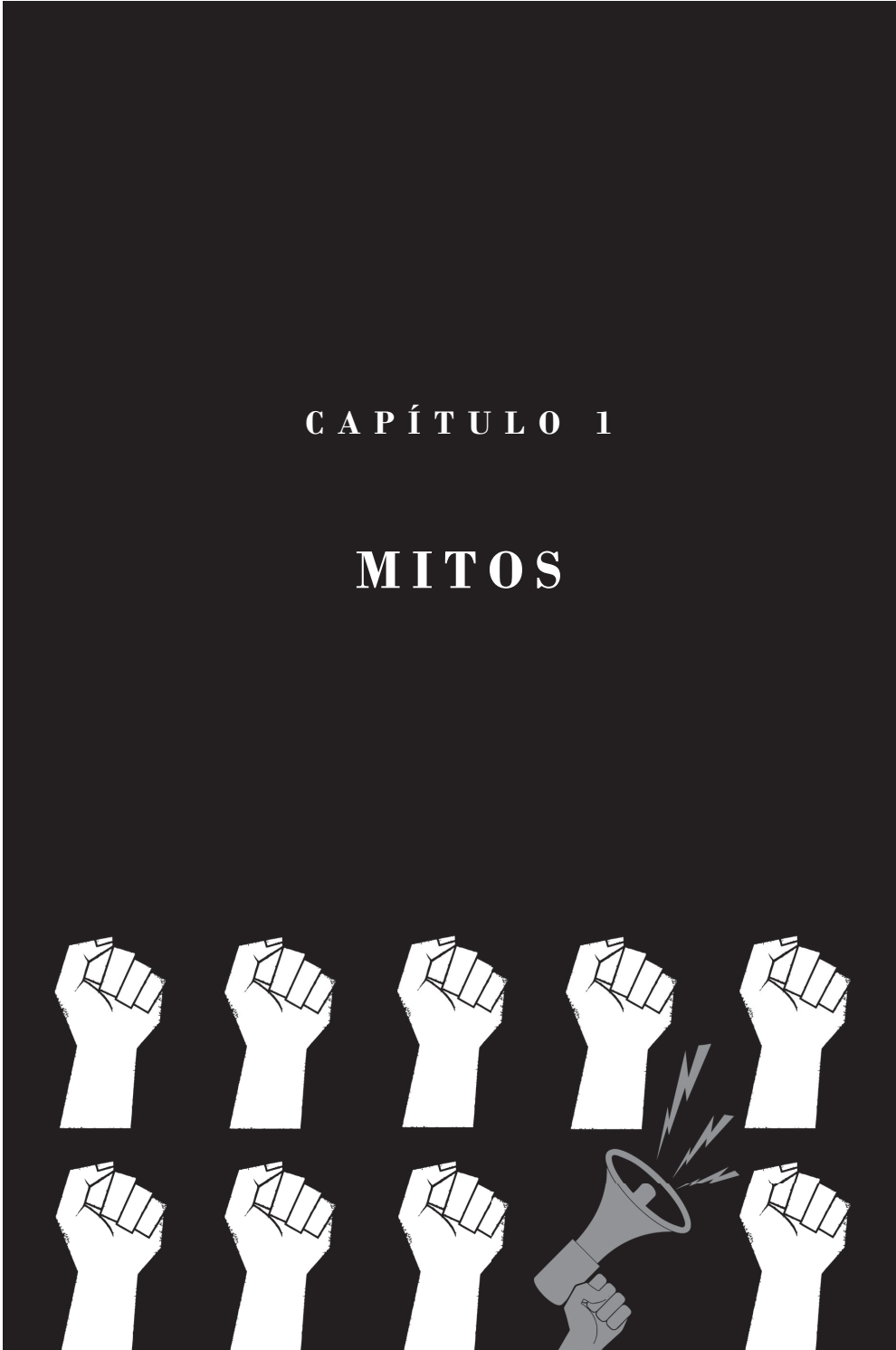
A resposta mais fácil ao cenário de insucesso é que aqueles que votam pelos populistas são sobretudo pessoas que querem fazer um protesto e que, inevitavelmente, acabarão por regressar aos partidos preponderantes; mas isso

parece improvável. Além disso, conforme veremos no Capítulo 6, a resposta ignora o modo como o nacional-populismo *já* está a causar um inequívoco impacto ao afastar do centro os sistemas políticos ocidentais, conduzindo-os para o que Marine Le Pen descreve como um confronto entre os nacionalistas e os globalistas. Os populistas podem «perder» eleições, mas, cada vez mais, os partidos preponderantes têm parecenças e discursos semelhantes aos deles, entrando num processo de «viragem ao nacional-populismo». Na maioria dos casos, como acontece com a Áustria, a Grã-Bretanha e os Países Baixos, foi o centro-direita que adotou esta tática, ainda que na Dinamarca os sociais-democratas tenham recentemente seguido por este caminho. Contudo, trata-se de uma estratégia perigosa se os eleitores chegarem à conclusão de que as promessas não são cumpridas. Vejamos o caso britânico, onde o insucesso na saída da UE levou a que nas eleições europeias de 2019 o novo Partido do Brexit de Farage eclipsasse os conservadores, que caíram para um mínimo histórico de menos de 10 por cento.

Num cenário de hegemonia liberal no Ocidente, que reforça os direitos individuais em detrimento das obrigações comunitárias e da solidariedade, em consonância com a crescente mudança étnica e que apoia a globalização económica e política, aqueles que votam nos nacionais-populistas desejam desequilibrar a balança para o seu lado. Não se trata de eleitores transacionais que ponderam os custos e os benefícios das políticas como um contabilista e se fixam no detalhe da política — quem está a disponibilizar as medidas, como estas serão implementadas e quando. Pelo contrário, são impelidos por um desejo mais vincado de recuperar um conjunto de valores mais amplo para a agenda e de reconquistar o seu poder de reivindicação: para reafirmar a primazia da nação em detrimento de organizações internacionais distantes e incompreensíveis; para reafirmar identidades nacionais desejadas e enraizadas em detrimento de identidades transnacionais não enraizadas e difusas; para reafirmar a importância da estabilidade e da conformidade em detrimento da interminável e perturbadora instabilidade que flui da globalização e da rápida mudança étnica; e para reafirmar a vontade do povo sobre a dos elitistas democratas liberais que parecem cada vez mais desligados das experiências de vida e perspetivas do cidadão médio. Tal como muitos liberais viram os seus valores refletidos na notável ascensão de Barack Obama nos EUA e de Emmanuel Macron em França, muitos outros membros da sociedade veem agora os seus valores refletidos no nacional-populismo. E agora, muitos deles sentem pela primeira vez em muito tempo que podem finalmente ter uma palavra a dizer e produzir a mudança.

CAPÍTULO 1

MITOS



Muitos são os mitos que recaem sobre o nacional-populismo. Dos EUA à Europa, os movimentos nacionais-populistas são encarados como um refúgio de fanáticos irracionais, desempregados, enjeitados do Cinturão da Ferrugem (Rust Belt), eleitores que sofreram as consequências da Grande Recessão e velhos caucasianos irados que, não tarda, morrerão e serão substituídos por tolerantes *millennials*. À sombra de Trump, do Brexit e da ascensão do nacional-populismo na Europa, inúmeros escritores traçaram uma linha reta até uma subclasse caucasiana alienada das regiões industrializadas da América, pensionistas abespinhados em decrépitos *resorts* na orla costeira de Inglaterra e desempregados nos baldios da Europa. Sobretudo no Brasil e em países de débil tradição democrática, muitos comentadores encaram a ascensão de políticos como Bolsonaro como um sinal de que os apoiantes anseiam pelo derrube da liderança autoritária.

Verifica-se uma tendência para reduzir movimentos altamente complexos a «um tipo» de eleitor ou a «uma causa», pois existe uma ânsia de explicações simples e lineares. Porém, quando mais de 62 milhões de eleitores votaram em Trump, mais de 17 milhões votaram pelo Brexit, mais de 10 milhões por Marine Le Pen e quase 6 milhões pela Alternativa para a Alemanha, é ridículo pensar que os movimentos nacionais-populistas podem ser reduzidos a estereótipos simplistas. Além disso, existem implicações reais: a longo prazo, uma tomada de consciência incorreta das origens do apoio que granjearam dificultará a retomada dos opositores.

### **Alegações falaciosas e o ciclo de vida**

Os mitos estão a medrar. Principalmente na Europa e nos EUA, a principal noção é de que o nacional-populismo é quase exclusivamente alimentado pelos desempregados e pessoas com baixos rendimentos ou em situação de pobreza. Porém, embora se verifiquem diferenças de país para país, o movimento lançou a sua teia por um vasto espectro da sociedade, granjeando votos de empregados a tempo inteiro, conservadores de classe média, trabalhadores por conta própria, indivíduos de rendimentos médios ou elevados e até mesmo jovens.

Por exemplo, a tendência para retratar Trump como um porto de abrigo para caucasianos assolados pela pobreza é extremamente problemática. Durante as primárias dos EUA, os rendimentos do agregado familiar médio dos eleitores de Trump era de 72 000 dólares, em comparação com 61 000 dólares dos apoiantes de Hillary Clinton e Bernie Sanders, e de 56 000 dólares do cidadão médio. Em estados como Connecticut, Florida, Illinois, Nova Iorque e Texas, o eleitor médio de Trump ganhava mais 20 000 dólares por ano do que a média, refletindo como os eleitores republicanos e das primárias usufruíam de boas condições de vida. A noção de que foram caucasianos pobres que votaram em debandada em Trump é também derrubada pela descoberta de que as dificuldades económicas foram, na verdade, um presságio de apoio a Hillary Clinton.<sup>10</sup>

De facto, na primavera de 2018, o cientista político Matt Grossmann analisou quase todos os estudos que tinham sido feitos até então ao eleitorado de Trump. Embora tenha identificado muitas discrepâncias, também constatou o modo como as descobertas dominantes eram inequívocas: as atitudes relacionadas com raça, género e mudança cultural desempenhavam um importante papel, enquanto as circunstâncias económicas objetivas tinham apenas um papel secundário. Do mesmo modo, a influente estudiosa Diana Mutz constatou que as mudanças no bem-estar financeiro das pessoas eram insignificantes no que concerne às explicações do apoio a Trump. Eram de pouca monta quando comparadas com as preocupações associadas a uma ascensão de uma «América dominada pelas minorias», que encaravam como uma ameaça à posição dominante do seu grupo. «Aqueles que achavam que a hierarquia estava a ser subvertida — com caucasianos mais discriminados do que os negros, cristãos mais discriminados do que os muçulmanos, e homens mais discriminados do que as mulheres — eram os apoiantes mais prováveis de Trump».<sup>11</sup>

Consideremos também o caso do Brexit. Houve quem tivesse atribuído o resultado chocante a terríveis condições macroeconómicas, não obstante o facto de a votação ter acontecido numa época em que a taxa de desemprego na Grã-Bretanha era a mais baixa desde a década de 1970. A ideia de cortar os laços da Grã-Bretanha com a UE era certamente popular entre os eleitores com baixos rendimentos, mas até entre aqueles que viviam com rendimentos médios ou pouco acima da média o apoio ao Brexit foi de 51 por cento. A saída da Grã-Bretanha foi aplaudida em vilas industriais que atravessavam dificuldades, mas também celebrada em condados conservadores abastados.<sup>12</sup>

Outro mito popular é que toda esta turbulência se deve à crise financeira global que irrompeu em 2008, à Grande Recessão e à austeridade que foi então imposta às democracias europeias. Desta perspetiva, o nacional-populismo é



impulsionado por indivíduos desfavorecidos em termos financeiros que foram assolados pela tempestade económica pós-2008. No rescaldo de Trump e do Brexit, o colunista do *Financial Times* Martin Wolf alegou que a crise financeira «abriu as portas a um influxo populista». Mas não foi só ele. Economistas atribuíram aquilo que apelidavam de «Síndrome Brexit-Trump» a mercados desregulados, vincados cortes na despesa pública e uma perda de fé na ortodoxia económica. Nas suas palavras: «É economia, espertalhão.»<sup>13</sup>

Esta «narrativa de crise» foi bastante influenciada pela experiência da Europa entre guerras e a ascensão do nazismo que se seguiu ao *crash* de Wall Street em 1929 e à Grande Depressão. Ignora-se o facto de Mussolini e dos fascistas terem assumido o poder em Itália onze anos antes, tal como o facto de igualmente terríveis condições económicas noutros países europeus não terem espoletado a ascensão do fascismo. A narrativa de crise também foi incentivada por eventos mais recentes, tais como o súbito avanço de um movimento neo-nazi na Grécia, denominado Aurora Dourada. Em 2012, no meio de um colapso financeiro quase total, um partido que organizava bancos de alimentos «só para gregos» e manifestações iluminadas por archotes, e exigia que as empresas substituíssem os trabalhadores estrangeiros por gregos, conseguiu os primeiros assentos no Parlamento grego. Para muitos observadores, o evento confirmou a hipótese de que «as crises económicas dão origem a extremismo político». Do mesmo modo surgiu o nacional-populismo no despontar da crise financeira em democracias que se pensava estarem imunes a esta força, tais como a Finlândia, a Alemanha e a Suécia. Não há dúvida de que a crise financeira deixou mais espaço para os nacionais-populistas. Para além de exacerbar divisões existentes entre os eleitores, contribuiu para uma perda de apoio aos partidos tradicionais e para níveis recorde de volatilidade política na Europa, onde as pessoas se tornaram muito mais dispostas a mudar a sua fidelidade de uma eleição para outra, conforme verificaremos no Capítulo 6. O mesmo pode dizer-se em relação ao Brasil, ainda que a última crise económica tenha sido apenas um dos fatores que conduziram ao poder o intruso político Bolsonaro, num país onde fora exposta uma corrupção difundida nos principais partidos e onde a taxa de homicídios é muito mais elevada do que nos EUA. Por conseguinte, a crise económica é importante. Todavia, a noção de ser a principal causa não é, de todo, convincente. Se bastasse uma crise, então porque é que as crises do passado, como os choques do preço do petróleo, do decénio de 1970, não produziram uma reação semelhante? Porque é que as democracias que foram mais afetadas pela Grande Recessão, tais como a Irlanda, Portugal ou Espanha antes do final de 2018, não foram palco de insurreições nacionais-populistas bem-sucedidas? Em contraste, porque é que alguns dos movimentos nacionais-populistas de maior sucesso

emergiram em economias sólidas e em expansão com baixas taxas de desemprego, como é o caso da Áustria, dos Países Baixos ou da Suíça? E se a culpa é mesmo da crise financeira, como se explica o facto de esta revolta contra a democracia liberal ter começado muito antes do colapso da Lehman Brothers?

É importante traçar o ciclo de vida do nacional-populismo porque contesta a ideia de que aquilo que estamos a presenciar é novo e lembra-nos que é preciso encarar com seriedade uma mudança profunda e a longo prazo. Conforme saberão os leitores com boa memória, foi na década de 1980 que surgiram os movimentos nacionais-populistas mais importantes na Europa do pós-guerra. Estes movimentos incluíram pessoas como Jean-Marie Le Pen em França e Jörg Haider na Áustria, que emergiram com a promessa de acabar com a imigração, reforçar a lei e a ordem e enfrentar uma administração «corrupta». E acabaram por se revelar mais duradouros do que muitos peritos previram, alicerçando o seu apoio ao longo de diferentes ciclos económicos e cultivando sólidos relacionamentos com grupos-chave da sociedade. Assentaram as fundações daquilo que vemos hoje em dia em grande parte da Europa.

Foi em 1988, o ano em que George H. W. Bush foi eleito presidente dos EUA, que Jean-Marie Le Pen espantou a França ao granjear 14 por cento dos votos numa eleição presidencial; o seu *slogan* foi simplesmente «Le Pen, le peuple» (Le Pen, o povo). Na qualidade de líder da Frente Nacional (atualmente União Nacional), manteve-se com firmeza no panorama e, catorze anos mais tarde, em 2002, chocou o mundo ao chegar à volta final da corrida à presidência. Le Pen saiu fortemente derrotado nessas eleições, mas não deixou de ser um grande choque. Com fortes ataques aos partidos preponderantes, apresentou a Frente Nacional como o único partido capaz de resolver as divisões socioeconómicas do país, parar a imigração, construir mais 200 000 celas prisionais, reinstalar a pena de morte para combater o crime em crescimento, utilizar as tarifas das importações para proteger o emprego em França, acabar com a moeda única do euro e retirar a França da UE.

Não tardaram a surgir outros. Durante os decénios de 1990 e 2000, emergiu nos países ocidentais um vasto leque de nacionais-populistas. Um importante estudo que envolveu dezassete democracias na Europa concluiu que o nacional-populismo teve o grosso do seu crescimento antes da crise financeira, tendo depois beneficiado dos maiores ganhos em regiões que escaparam aos piores efeitos do desastroso colapso.<sup>14</sup> Na Grã-Bretanha, apesar de muitos escritores atribuírem mais tarde o Brexit à austeridade do pós-crise, esquecem que foi em 2004 que Nigel Farage e o UKIP tiveram o maior sucesso, que se seguiu a quarenta e oito trimestres de expansão económica. À semelhança de outros, Farage conseguiu os votos não apenas de uma classe

operária com emprego, ainda que precário, mas também de conservadores de classe média relativamente abastados. Os movimentos nacionais-populistas também ganharam preponderância noutros países: a Liga em Itália, o Partido Progressista na Noruega, o Partido Lei e Justiça na Polónia, os Partidos do Povo na Dinamarca e na Suíça, e o Fidesz de Viktor Orbán na Hungria. Em inícios do século XXI alguns granjearam tanto sucesso que conseguiram chegar ao Governo, diretamente ou em coligações. Muitos destes movimentos iam já bem lançados antes da crise e do presidente Trump.

### **Velhos homens brancos furiosos?**

O segundo mito dominante é que a falange de apoio do nacional-populismo na Europa e nos EUA se baseia em absoluto em homens brancos de idade avançada que, não tarda, morrerão. Trata-se de uma narrativa confortável para os liberais pois quer dizer que não têm de lidar com quaisquer *ideias* do nacional-populismo, como é o caso da importância da comunidade e do desejo de ser ouvidos e não ignorados ou desprezados. Pelo contrário, só terão de esperar que os pensionistas desapareçam no horizonte, momento em que os *millennials* socialmente liberais os substituirão, enquanto as populações ocidentais se tornam cada vez mais diversas em termos étnicos e culturais. Esta perspetiva foi suportada por, entre outros, o colunista do *Financial Times*, Janan Ganesh, que defendeu que o Brexit foi «o melhor que poderia acontecer aos conservadores tradicionais», porque, com o passar do tempo, o seu apoio será desgastado pela mudança geracional.<sup>15</sup>

Estas vozes denotam grandes diferenças de perspetiva entre os jovens e os velhos. Por exemplo, em 2018, foi perguntado aos britânicos se o voto pelo Brexit fora acertado ou um erro. Enquanto 65 por cento dos pensionistas achavam que foi a decisão certa, 68 por cento dos inquiridos na faixa etária entre os 18 e os 24 anos achavam que foi um erro. Um escritor chegou mesmo à conclusão de que se partirmos do princípio de que as taxas de natalidade e mortalidade na Grã-Bretanha permanecerão constantes e que os jovens permanecerão muito mais virados para a UE, então, em 2022, os que preferem a permanência serão uma maioria dominante! Porém, os liberais têm tendência para exagerar o ritmo e a dimensão da mudança geracional. Ignoram o facto de que, embora de um modo geral os jovens se inclinam para serem menos racistas, um elevado número deles são instintivamente recetivos ao nacional-populismo.

Consideremos o caso dos EUA. Não foram menos de 41 por cento os *millennials* brancos que apoiaram Trump; na sua maioria não tinham formação

superior, trabalhavam a tempo inteiro e, na verdade, tinham menos probabilidades de ter baixos rendimentos do que aqueles que não apoiaram Trump. Ao contrário da pretensão de que os jovens não se preocupam com temas como a imigração, estes americanos mais jovens sentiram-se especialmente ansiosos com a «vulnerabilidade branca» — a perceção de que os brancos, por sua própria culpa, estão a perder terreno para outras etnias, opinião intimamente ligada ao rancor sentido em relação a outros grupos raciais. Conforme salientaram os autores de um estudo: «Muitos americanos brancos temem pelo seu futuro, rodeados por uma crescente diversidade racial e cultural nas principais redes sociais, políticas, no entretenimento e na música. Enquanto os *millennials* fazem parte da geração mais diversificada dos EUA, nem todos se sentem confortáveis com a situação.»<sup>16</sup> Ou então consideremos o caso da Grã-Bretanha. É verdade que os nacionais-populistas como Nigel Farage, que apelaram ao povo para «dizerem não» à imigração de massas, à UE e aos políticos estabelecidos em Westminster, dependeram bastante dos pensionistas para reunir votos. Apenas um em cada dez dos seus apoiantes tinha menos de 35 anos, enquanto que desde o voto pelo Brexit, sete em cada dez eleitores com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos apoiaram o culturalmente liberal e radical líder de esquerda do Partido Trabalhista, Jeremy Corbyn, que muitos comparam a Bernie Sanders — ainda que este número tenha caído nas eleições europeias de 2019 enquanto as opiniões pessoais de Corbyn e os equívocos dos Trabalhistas em relação ao Brexit fizeram com que muitos daqueles que votaram nos Trabalhistas em 2017 passassem a apoiar os Verdes e os Democratas Liberais.

Estas gerações diferentes tiveram experiências de vida profundamente discrepantes. Os eleitores mais velhos que apoiaram Farage atingiram a idade adulta numa era muito diferente, onde na Grã-Bretanha as opiniões de supremacia branca e racistas eram comuns, a memória coletiva do império e da vitória na 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial eram fortes, a formação universitária era uma raridade, o aborto e a homossexualidade eram ilegais e a pena de morte continuou a ser utilizada até à década de 1960. Num vincado contraste, os jovens *millennials* apoiantes de Jeremy Corbyn nasceram entre a década de 1980 e os primórdios dos anos 2000: sempre conheceram uma Grã-Bretanha que faz parte da UE, tem elevadas taxas de imigração, onde partir para a universidade é comum e onde a maioria dos políticos subscrevem um consenso liberal que suporta a imigração e a UE.<sup>17</sup> Porém, esta dicotomia de debate «jovens *versus* velhos» simplifica demasiado um complexo panorama. Por detrás destes traços genéricos reside o facto de o Brexit ter sido apoiado por um em cada quatro licenciados britânicos, uma em cada duas mulheres, uma em

cada duas pessoas de zonas urbanas, cerca de dois quintos de indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 34 anos, e metade dos indivíduos com idades entre os 35 e os 44 anos. Se estes eleitores, que de um modo geral não são tidos em conta nos debates sobre o populismo, não tivessem votado pelo Brexit, a Grã-Bretanha ainda faria parte da UE. Considerar os movimentos nacionais-populistas simplesmente como o derradeiro refúgio de homens velhos é incrivelmente falaz.

Além disso, cai na falácia de presumir que os seus apoiantes são exclusivamente brancos. Embora isto se aplique mais na Europa, ignora importantes descobertas. Apesar de retratar os imigrantes como traficantes de drogas e violadores, Trump conseguiu cerca de 28 por cento dos votos dos latinos, enquanto Clinton não conseguiu apelar a este grupo em comparação com Obama. Trump também conseguiu mais de metade dos votos de cubano-americanos no Estado fulcral da Florida (ainda que a prazo mais longo este grupo pareça mais inclinado para os democratas).

O Brexit foi desconsiderado por políticos liberais experientes como Vince Cable, que o considerou como um voto de velhos que ansiavam por um mundo de «caras brancas» e um mapa do mundo «pintado de cor-de-rosa imperial», à semelhança da era do Império Britânico. Todavia, esta caricatura não se coaduna com o facto de o Brexit ter granjeado o apoio de um em três eleitores de cor negra e minorias étnicas, alguns dos quais achavam que a política de imigração liberal da Grã-Bretanha estava a conferir um tratamento preferencial aos imigrantes de dentro da Europa em detrimento dos de fora, ou que, eles mesmos, sentiram preocupação com as taxas de imigração sem precedentes em termos históricos que se verificaram na década que antecedeu o referendo. Este apoio de eleitores não brancos foi patente em vilas e cidades como Birmingham, Bradford, Luton e Slough, onde existem grandes comunidades de minorias étnicas originárias do Sul da Ásia. O perfil da faixa etária destes apoiantes também deita por terra a narrativa dos velhos homens furiosos. Em muitas democracias da Europa, o nacional-populismo tem forte apoio na faixa etária com menos de 40 anos. Vejamos alguns exemplos. Em Itália, o movimento nacional-populista Liga conseguiu apoio de modo bastante uniforme entre várias gerações, incluindo jovens italianos com preocupações relacionadas com a imigração (de facto, os indivíduos na faixa etária compreendida entre os 18 e os 45 anos tinham mais probabilidades de encarar este tema como fundamental para o país do que os pensionistas). Em França, quando Marine Le Pen concorreu às presidenciais e foi derrotada, na primeira ronda, conseguiu mais apoiantes entre os 18 e os 34 anos do que qualquer outro candidato. Na Áustria, mais de metade dos homens com idades compreendidas

entre os 18 e os 29 anos votaram no candidato à presidência do Partido da Liberdade, cujo líder gostava de conversar e fazer campanha em clubes noturnos para conseguir o apoio dos jovens. Na Alemanha, a Alternativa para a Alemanha granjeia as preferências não dos velhos pensionistas com distantes memórias do nazismo, mas de pessoas entre os 25 e os 50 anos, que não têm uma ligação direta a esse período da história.<sup>18</sup> Além disso, na Suécia, em 2018, antes de uma eleição, os nacionais-populistas Democratas Suecos foram o segundo partido mais votado entre a faixa etária compreendida entre os 18 e os 34 anos, e o partido mais votado na faixa entre os 35 e os 54 anos. Análises mais recentes após as eleições para o Parlamento Europeu de 2019 voltaram a refutar a ideia de que o populismo é sustentado por pessoas idosas que morrerão em breve. Pelo contrário, o apoio ao nacional-populismo duplicou na faixa etária entre os 18 e os 35 anos, manteve-se estável até aos 60 e voltou a cair entre os pensionistas.

Também na Grécia o partido neonazi Aurora Dourada conseguiu o seu maior apoio entre os jovens do sexo masculino, indivíduos com estudos ao nível do ensino secundário que consideraram que a sua posição na sociedade se deteriorara em relação a outros, enquanto na Hungria, onde os nacionais-populistas têm um forte apoio, o movimento Jobbik (trocadilho com a palavra *jobb*, que pode significar «melhor» e «direita») goza de popularidade entre jovens do sexo masculino que veem com maus olhos a comunidade cigana e também os judeus. E enquanto o UKIP dependeu do apoio de homens mais velhos, a idade média dos que votaram pela saída no referendo do Brexit foi de 52 anos — longe de ser uma idade de pessoas que estão prestes e esticar o pernil!

Também convém não esquecer o panorama mais global. Nos EUA, quando Trump comemorou o fim do seu primeiro ano na Casa Branca, o Pew Research Center descobriu que, enquanto nas últimas décadas os *millennials* se tornaram mais liberais, ainda assim, 43 por cento mantinha valores inequivocamente conservadores ou mistos, enquanto apenas 25 por cento podiam ser descritos como «consistentemente liberais».<sup>19</sup> Estudos realizados a jovens americanos da geração «iGen» mais recente, nascidos entre 1995 e 2012, sugerem que a quota de finalistas da secundária que se consideram conservadores aumentou quase 30 por cento, o que faz deles mais conservadores do que os adolescentes da «Geração X» durante a era de Reagan. Criados durante a Grande Recessão, desigualdades desenfreadas e grandes mudanças étnicas, alguns destes jovens americanos abordaram com franqueza as suas preocupações relacionadas com a imigração. Outros foram ainda mais longe, como foi o caso de um em cada seis jovens brancos de 18 anos que disseram aos investigadores que achavam que seria melhor se o seu quotidiano não implicasse

um contacto próximo com outras raças. Ou veja-se o caso da Grã-Bretanha. Na primavera de 2018, 41 por cento dos indivíduos entre os 18 e os 24 anos e 58 por cento entre os 25 e os 49 consideravam que a imigração para o país era «demasiado elevada».<sup>20</sup>

A questão é que se fala muitas vezes sobre mudança geracional em termos genéricos, mas, se analisarmos com mais atenção, verificaremos um panorama muito mais variado do que os títulos dos jornais sugerem. A noção de que o Ocidente está num caminho sem retorno rumo a um futuro liberal é também posta em causa por outro estudo que incidiu sobre o modo como o envelhecimento afeta as nossas perspetivas políticas. Na Grã-Bretanha, o professor James Tilley, da Universidade de Oxford, estudou as mesmas pessoas durante um longo período e chegou à conclusão de que, consoante passava cada ano, verificava-se um aumento de 0,38 por cento no apoio ao Partido Conservador de direita. Pode não parecer muito, mas, ao longo de toda uma vida, esse valor é somado e representa a maior parte, se não toda, da diferença do apoio ao Partido Conservador entre os jovens e os velhos. Conforme Tilley salienta, à medida que todos envelhecemos e assumimos mais responsabilidades na vida, tornamo-nos instintivamente mais recetivos a partidos que desejam preservar o estado atual das coisas. Igualmente, além de as populações do Ocidente estarem a envelhecer, os eleitores mais velhos têm mais probabilidades de votar, o que significa que, a longo prazo, os conservadores de direita não se devem preocupar muito com a morte dos seus eleitores.<sup>21</sup>

Os populistas são também muitas vezes retratados como atrativos apenas para os homens, mas, se prestarmos uma maior atenção ao género, verificamos um panorama diferente.

Na globalidade, Hillary Clinton conquistou os votos das mulheres, mas estima-se que 53 por cento das mulheres brancas apoiaram Trump, que fizera vários comentários depreciativos sobre elas. Mais tarde, Clinton sugeriria que essas mulheres foram pressionadas pelos maridos ou companheiros a mudar o apoio para Trump ou a nem sequer votar, subestimando a possibilidade de terem tomado uma decisão consciente. Na Grã-Bretanha, homens e mulheres apresentaram as mesmas probabilidades de apoiar o Brexit; e enquanto os nacionais-populistas na Europa conseguiram mais votos dos homens, alguns deles, como é o caso de Marine Le Pen, que piscou o olho especificamente às mulheres, conseguiram recentemente fechar a «lacuna de género». Entre 1988 e 2017, a percentagem de mulheres francesas com idades entre 18 e 26 anos que votaram pela primeira vez e decidiram apoiar a família nacional-populista Le Pen nas eleições presidenciais de França, subiu dos 9 para os 32 por cento. De facto, em 2017, estas jovens mulheres e as mulheres na faixa etária entre os



47 e os 66 anos, tinham vincadamente mais probabilidades de o fazer que os homens. Não se quer com isto dizer que, em toda a Europa, as mulheres têm significativamente mais probabilidades de votar nos nacionais-populistas do que os homens — não têm —, mas há casos em que as evidências contestam os estereótipos.<sup>22</sup>

Existem também bons motivos para prever que a narrativa sobre os velhos homens brancos pode aumentar a polarização e piorar ainda mais as coisas para a corrente liberal preponderante. Nos EUA, parece provável que Trump teve a ajuda da popular máxima que corre entre os democratas de que ele simplesmente não poderia ganhar porque a América estava rapidamente a tornar-se mais diversificada em termos étnicos e culturais. Estes argumentos foram impulsionados por pessoas como o pesquisador democrata Stan Greenberg na sua obra *America Ascendant*, que defende sem sombra de dúvida que o futuro pertence aos democratas por causa da maneira como a América está a apresentar maiores índices de educação e de diversificação em termos étnicos.<sup>23</sup> Uma «nova» aliança de *millennials* com formação superior, liberais culturais e minorias conduzirá democrata atrás de democrata à Casa Branca, pensava.

Só que, muitas vezes, as pessoas exageram. Por todo o mundo ocidental, e conforme abordado no Capítulo 3, os indivíduos sem formação superior continuam a ser muito mais numerosos do que os que a têm, como foi o caso nos fulcrais estados do Cinturão da Ferrugem da América, o que explica em parte o sucesso de Trump. Além disso, nas esmagadoras eleições em que a parada era alta — como foi o caso das eleições presidenciais de 2016 nos EUA e do referendo do Brexit —, grupos-chave da suposta aliança em ascensão não foram mobilizados em massa.

Hillary Clinton foi prejudicada por taxas de abstenção mais elevadas do que era esperado entre afro-americanos, jovens de minorias e *millennials* estudantes. Na Grã-Bretanha, os defensores da permanência tiveram problemas quando as taxas de afluência às urnas nas cidades universitárias mais liberais em termos culturais e nos distritos *hipster* de Londres não se equipararam às dos distritos com muitos operários, onde os apoiantes do Brexit estavam mais determinados em fazer ouvir a sua voz. Ironicamente, quando foi lançada uma petição para revogar o resultado do referendo, atraiu um grande número de assinaturas em distritos *hipster*, tais como Camden, Hackney e Shoreditch, onde a afluência às urnas fora inferior ao esperado quando realmente foi importante. Estas diferenças de afluência às urnas foram provavelmente incentivadas pela narrativa de um inevitável futuro liberal. As profecias sobre uma nação em rápida mutação alarmaram os já alarmados, instigando receios em relação à vindoura mudança étnica e enraizando a convicção de que esta era



deveras a sua «última oportunidade» de colocarem as suas preocupações em cima da mesa antes que fosse demasiado tarde.

## Uma aliança diversa

As narrativas falaciosas distraem-nos do facto de, na realidade, o nacional-populismo ser apelativo para uma vasta aliança de diferentes grupos da sociedade. Embora, de um modo geral, seja retratado como um porto de abrigo para apenas um tipo de eleitor, na realidade é bastante sedutor para uma coligação de grupos-chave, ainda que com os trabalhadores brancos a formar o seu núcleo. Trump e o Brexit foram impulsionados até à vitória por uma informal mas empenhada coligação de eleitores que, amiúde, eram oriundos de diferentes estratos da sociedade, mas unidos pelos mesmos valores e preocupações.

Ora bem, urge salientar que Trump com certeza não é um nacional-populista no mesmo sentido dos vultos congéneres da Europa. Nigel Farage na Grã-Bretanha e Marine Le Pen em França são verdadeiros intrusos que nunca foram aceites pelas correntes preponderantes. São líderes dos seus próprios partidos. Pelo contrário, Trump assumiu de facto o Partido Republicano preponderante, acabando por ser assimilado pelo mesmo. Chegou à Casa Branca não apenas mobilizando americanos de estados indecisos, mas também re-tendo a vasta maioria dos republicanos preponderantes que, em 2012, tinham votado em Mitt Romney. Em resultado, uma minoria significativa dos seus eleitores apoiaram-no, ainda que com grandes reservas quanto ao seu estilo e/ou políticas, embora ele também tenha inspirado um núcleo duro que se manteve maioritariamente fiel após a sua tomada de posse.

Tão-pouco o Brexit foi uma revolta nacional-populista típica. Enquanto o choque que foi a votação pela retirada da Grã-Bretanha da UE foi apresentado como parte da vaga populista, estão em jogo alguns fatores excecionais. O voto pelo Brexit não emergiu de uma eleição normal, mas antes de um referendo com resposta bipolar de «permanecer ou sair» que viu a taxa de afluência às urnas atingir os 72 por cento, o valor mais elevado numa eleição nacional em um quarto de século. Do mesmo modo que Trump não pode ser totalmente compreendido sem uma referência à longa herança populista na América, que abordaremos mais adiante, o Brexit não pode ser totalmente compreendido sem uma referência a uma tradição de décadas na Grã-Bretanha (ou, para sermos mais rigorosos, em Inglaterra) de uma forte suspeita do público em relação à ideia de integrar o país na Europa em termos políticos. Esta latente hostilidade entrou em declínio e fluiu pelo Partido Conservador preponderante, que encarou a UE como uma ameaça à

soberania nacional, bem como preocupações no seio do Partido Trabalhista, que receia que a UE prejudique os direitos dos trabalhadores e seja um veículo para os capitalistas do mercado livre, favorecendo os interesses da América.

Posto isto, estes movimentos partilharam linhas de orientação comuns. A tendência para encarar o eleitorado de Trump como um bloco homogêneo de caucasianos pobres é falaciosa. Trump não se limitou a seduzir uma classe baixa de brancos empobrecidos do tipo descrito no *bestseller Lamento de Uma América em Ruínas*.<sup>24</sup> Na realidade, conseguiu chegar à Casa Branca atraindo um vasta aliança de caucasianos sem formação superior e conservadores sociais tradicionais que, *grosso modo*, votavam nos republicanos.

Ao contrário da crença popular, muitos apoiantes de Trump não se incluíam no último degrau da escada económica. Tal como demonstrou a analista Emily Ekins, a mensagem de Trump retumbou no seio de vários grupos distintos. Um dos mais importantes foi aquele que apelida de *leais conservadores*, um grupo de pertinazes conservadores fiscais, tradicionalistas morais e republicanos fiéis que eram, muitas vezes, indivíduos interessados em política, pertencentes à classe média, com formação moderada, e que apoiaram Trump desde as primárias. Um segundo grupo, também de vulto, foram os *partidários do mercado livre*: conservadores fiscais, defensores de um governo pouco interventivo e acalorados partidários do comércio livre que abominavam Clinton, de meia-idade, com altos rendimentos e, de um modo geral, proprietários da própria casa. Conjugados, estes dois grupos, que se identificavam como republicanos e conservadores, incluíram mais de metade do eleitorado de Trump; sem estes republicanos bastante moderados, que beneficiavam muitas vezes de altos rendimentos, Trump nunca seria eleito.<sup>25</sup>

Contudo, Trump também apelou bastante a alguns grupos nucleares de eleitores que se aproximavam mais do perfil dos nacionais-populistas da Europa. Os seus apoiantes mais leais foram os *preservacionistas*. De um modo geral, estes fervorosos defensores de Trump tinham apenas alguma frequência do ensino secundário e integravam agregados familiares de baixos rendimentos, inferiores a 50 000 dólares por ano. Tinham muito em comum com dois outros elementos que foram fundamentais para a sua vitória — os *antielites*, com tendência para estarem melhor na vida, mas profundamente insatisfeitos com o estado atual das coisas, e os *desalinados*, um grupo mais pequeno que pouco percebia de política, mas que afluiu às urnas só para votar em Trump. Foi a conjugação destes cinco grupos bastante heterogêneos que se juntaram em comícios face ao apelo de «Tornar a América grande outra vez» e impulsionaram Trump até à Casa Branca (e que, provavelmente, continuarão recetivos ao apelo para «Manter a América grande», caso Trump se recandidate em 2020).

Aquilo que os apoiantes de Trump mais tinham em comum eram as suas opiniões republicanas bastante alinhadas com a corrente principal. Em comparação com os americanos que não o apoiaram, tinham mais probabilidades de se oporem aos casamentos entre homossexuais, de serem contra o aborto, de acreditarem que as mulheres que se queixam de assédio causam mais problemas do que aqueles que solucionam, de apoiarem a pena de morte, de se descreverem como tradicionalistas, de acreditarem que a vida na América atual está pior do que há cinquenta anos e de se oporem a ações a favor das mulheres e minorias. À exceção dos *partidários do mercado livre*, tinham também mais probabilidades do que outros eleitores de sentir que é mais importante uma criança ser obediente do que autónoma, uma perspetiva que reflete os seus valores tradicionalistas, os quais privilegiam a ordem, a estabilidade e a conformidade do grupo. Além disso, muitos deles votaram a favor de Trump e não contra Clinton. Pese embora o facto de, muitas vezes, terem opiniões divergentes no que diz respeito à economia, muitos partilhavam perspetivas semelhantes em relação a problemas culturais, como a imigração, embora estes dominassem sobretudo o pensamento do seu núcleo duro de apoiantes.

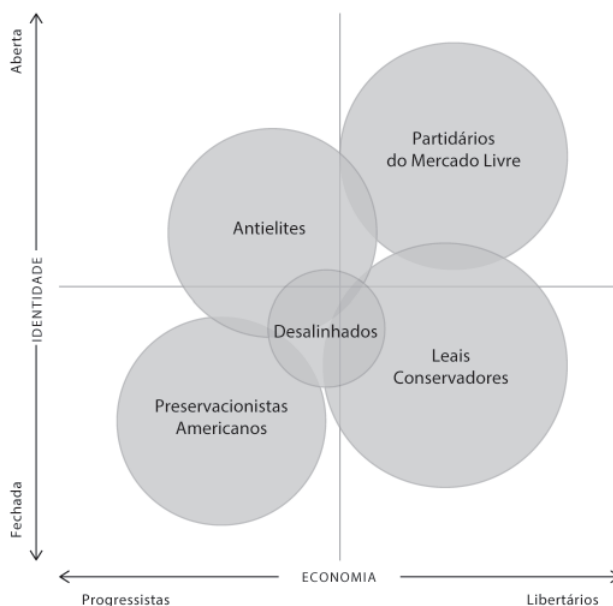


Figura 1.1  
 Comparação dos eleitores de Trump num mapa político. Os eixos aproximam o partidário de Trump médio